

## A CONTRIBUIÇÃO DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Gleice Lopes da Silva<sup>1</sup>*  
*Jane Fernandes Viana do Carmo<sup>2</sup>*  
*Aline Aparecida Neiva Dos Reis Adjuto<sup>2</sup>*

### RESUMO

A educação é uma das políticas públicas existentes mais debatida, necessitada e definitiva na construção, formação e transformação de uma sociedade. Diante desta afirmação, é inegável a necessidade de entender o que é, e como funciona as modalidades de ensino, em especial a Educação Infantil. É possível verificar por meio de diversas fontes bibliográficas relatos e teorias que apontam que em meio a tanta luta pelos direitos sociais e humanos, mães e filhos conseguiram chegar ao que se tem em mãos hoje, as creches e pré-escolas que auxiliam no desempenho familiar e contribuem para desenvolvimento biopsicossocial da criança. Para que o significado da palavra educação se cumpra, conhece-se a importância de um olhar especial sobre a relação que deve ser estabelecida entre o corpo docente e seu alunado. Que no entanto, necessita haver uma cumplicidade, onde se permite a transferência do desejo da criança pelo aprender através da mediação correspondida pelo professor. Através disto, nota-se que o professor deve ter o papel de mediador, influenciador e instigador no processo de ensino e aprendizagem. Adotar de diferentes estratégias e didáticas, além do aperfeiçoamento profissional por meio de estudos continuados para melhor ajuda-lo em sua prática educativa. Visto que, se o docente souber por onde, como, e a quem chegar melhor poderá ser plantado a sua semente e a certeza de que bons frutos poderão colhidos ser.

**Palavras chave:** Educação. Afetividade. Ensino. Aprendizagem.

### ABSTRACT

*Education is one of the existing public policies more debated, needy and definitive in the construction, formation and transformation of a society. Before this statement, it is undeniable that there is a need to understand what it is, and how does the*

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia - UniAtenas

<sup>2</sup> Docente - UniAtenas

*teaching arrangements, in particular the children's Education. You can verify by means of several bibliographical sources reports and theories point out that amid so many social and human rights struggle, mothers and children made it to what you have at hand today, nurseries and preschools that assist in performance familiar and biopsychosocial development of the child to contribute. For the meaning of the word education is fulfilled, you know the importance of a special look on the relationship which must be established between the Faculty and your students. However, you need to be a complicity, where it allows transfer of the desire of the child by learning through mediation matched by professor. Through this, note that the teacher must have the role of mediator, influencer and instigator in the teaching and learning process. Adopt different strategies and didactics, in addition to professional development through continuing studies to better help you in your educational practice. Whereas, if the teacher knows where, how, and who get better may be planted the seed and your sure good fruit can be harvested.*

**Keywords:** *Education. Affection. Teaching. Learning.*

## **INTRODUÇÃO**

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, contribuindo para a preparação e formação inicial das crianças de 0 a 5 anos. Através disto, reconhece-se que a prática de ensino e aprendizagem nesta modalidade de ensino deve ser carregada de sentido tanto para o professor a quem se designa a função de ensinar quanto para a criança, que assume o papel mais importante no processo de aprendizagem.

Por meio deste trabalho, pode-se perceber o quão difícil foi a implantação do ensino da Educação Infantil no Brasil, que até o que se sabe, em meados do século XIX praticamente não existia, e somente ao longo dos anos, com o grande avanço do capitalismo industrial foram surgindo grandes necessidades de assumirem um sistema de ensino que pudesse atender as crianças, filhos das mulheres que trabalhavam nas fábricas. E mais tarde, com a aprovação de leis que mudaria até os dias atuais a vida das crianças.

Sabe-se que a preparação do docente é essencial para agir em detrimento de conseguir realizar o trabalho de mediar, interferir e provocar o interesse do seu aluno. Além de favorecer o conhecimento sobre as técnicas, estratégias e os métodos que auxiliam no melhor resultado.

Todavia, é mister saber que quanto melhor for a relação de cumplicidade entre professor e aluno, maior será o que eles poderão construir juntos. Verifica-se então, que a afetividade contribui para a aprendizagem significativa do aluno, uma vez que as emoções têm grande importância para o desenvolvimento e bom funcionamento do cognitivo da criança.

E através de pesquisas bibliográficas e descritivas, pode-se encontrar argumentos que comprovam que a afetividade dentro da prática de ensino e aprendizagem na Educação Infantil é sem dúvidas, primordial para o desenvolvimento integral da criança, e fundamental para o êxito profissional. E com isso, servindo de base para corroborar para o conhecimento de profissionais que já atuam, e aqueles que desejam ingressar na área educacional.

## **CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A Educação Infantil no Brasil teve o início da sua caminhada bem parecida com as demais em outras partes do mundo. Marcada por uma trajetória difícil principalmente para as pessoas que assumiam um nível social menor que a alta sociedade. Como nos descreve Oliveira (2011, p.29), no parágrafo que diz:

A história da Educação Infantil em nosso país tem, de certa forma, acompanhado a história dessa área no mundo, havendo, é claro, características que lhe são próprias. Até meados do século XIX, o atendimento de crianças pequenas longe da mãe em instituições como creches ou parques infantis praticamente não existia no Brasil. No meio rural, onde residia a maior parte da população do país na época, famílias de fazendeiros assumiam o cuidado das inúmeras crianças órfãs ou abandonadas, geralmente frutos da exploração sexual da mulher negra, índia pelo senhor branco. Já na zona urbana, bebês abandonados pelas mães, por vezes filhos ilegítimos de moças pertencentes a famílias com prestígio social, eram recolhidos nas “rodas de expostos” existentes em algumas cidades desde o início do século XVIII.

A autora explica que, “essa situação vai se modificar a partir da segunda metade do século XIX”. Assim, entende-se que, neste período o país vivia o momento da abolição da escravidão, e com isso existia um grande número de imigrantes que saíam da zona rural em busca de emprego nas grandes cidades. Portanto, com toda essa situação surgia uma preocupação sobre como procederia o destino dos filhos dos escravos, pois antes de ser abolido a escravidão, este período de servidão seria herdado pelos seus descendentes.

Porém, antes da então Proclamação da República, percebe-se que já existiam movimentos que acolhiam e protegiam a infância das crianças e com isso tentando amenizar o quadro de mortalidade infantil naquele tempo ou uma forma de também encobrir os problemas ocorrentes na época, e com isso segundo Oliveira (2011, p.92), a “criação de

creches, asilos e internatos, vistos na época como instituições destinadas a cuidar das crianças pobres”.

Considera-se que ao final do século XIX, o ideal liberal já estava sendo inserido no país, no pensamento da construção de uma sociedade moderna as quais os fundamentos teóricos educacionais do Movimento das Escolas Novas, seriam analisados pela elite da época. E o jardim de infância trazido e implantado no Brasil por influência americana e europeia como princípio deste movimento.

Apesar da implantação deste processo de educação no país, Oliveira (2011), explica que houve muitas pessoas que aceitaram bem esta prática, pois acreditavam que seria vantagem para o desenvolvimento das crianças. Enquanto outros criticavam, pois consideravam que esta situação era um movimento de caridade para com os de baixa renda, portanto não tinha de ser mantido pelo poder público.

Oliveira (2011), reforça que ainda acontecendo este duelo de pensamentos, estavam sendo criado nas cidades de Rio de Janeiro em 1875 e 1877 em São Paulo os primeiros jardins de infância, porém com iniciativa de órgãos privados, e portanto, somente alguns anos depois surgira os primeiros jardins de infância públicos. Mas que infelizmente favorecendo as classes de nível social econômico mais elevado.

De acordo com Carneiro (2013), até o fim década de 1920, o poder econômico não tinha muita imposição em relação as instituições escolares, e somente depois da Primeira Guerra Mundial em diante, que a esfera mediana e os trabalhadores das cidades e do campo, começaram a ser contados como parte da camada política. Porém, verifica-se que, em relação ao que se referia a assuntos destinados aos que residiam na zona rural, o ensino passava *despercebido* a assistência. Assim, a partir da década de 30, com o grande avanço do capitalismo industrial, que cresceram a demandas educacionais por conta do vasto número de pessoas.

Particularidades fundaram em 1899 o instituto de proteção e assistência á infância, que precedeu a criação em 1919, do departamento da criança, iniciativa governamental decorrente de uma preocupação com a saúde que acabou por suscitar a ideia de assistência científica á infância. Ao lado disso, surgiu uma série de escolas infantis e jardins de infância, alguns deles criados por imigrantes europeus para o atendimento de seus filhos. Em 1908, instituiu-se a primeira escola infantil de Belo Horizonte e, em 1909, o primeiro jardim de infância municipal do Rio de Janeiro. Levantamento realizados em 1921 e 1924 apontavam um crescimento de 15 para 47 jardins de infância em todo o país. (KUHLMANN JR., 2000, p. 481 *apud* OLIVEIRA, 2011).

Com o grande movimento causado pela industrialização do século XX, percebe-se

que houve um grande número de pessoas empregadas, e parte deste grupo se compunham de mulheres, muitas delas sendo mães. E para manter controle sobre os operários, Oliveira (2011), discorre que os empresários, ou seja, donos das empresas, criavam meios para atrair e segurar os trabalhadores oferecendo-lhes creches e escolas maternais para seus filhos.

De acordo com Bassedas; Huguet e Solé (1999), a educação das crianças menores de seis anos em escolas, aconteciam de forma administrativa, onde, a primeiro momento, estava dependente das questões trabalhistas, na qual se encaixava os pais, outra situação, é em relação as questões de saúde no quesito assistencialista, e enfim o ensino, quando a frequência e atendimento era obrigatório.

No decorrer do tempo, tende-se a pensar que houvera muitas reivindicações acerca dos direitos sociais e humanos igualitário por parte dos trabalhadores, ou melhor a burguesia. E isto por certo valeu e muito, pois dois momentos importantes para estes cidadãos e principalmente para a educação aconteceu, como relata Oliveira (2011, p.97):

Em 1923, a primeira regulamentação sobre o trabalho da mulher previa a instalação de creches e salas de amamentação próximas do ambiente de trabalho e que estabelecimentos comerciais e industriais deveriam facilitar a amamentação durante a jornada das empregadas. Na década de 20, a crise no sistema político oligárquico então predominante e a expansão das atividades industriais culminaram com uma revolução de características burguesas no país. Nesse momento político extremamente importante, ocorreu em 1922, no Rio de Janeiro, o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção á infância, no qual foram discutidos temas como a educação moral e higiênica e o aprimoramento da raça, com ênfase no papel da mulher como cuidadora.

Pode-se perceber que é por meio de uma longa luta, que as necessidades de uma nação é atendida. Embora demorada, o que tem de ser contemplado deve acontecer, principalmente o que diz respeito a educação, o maior instrumento para mudar o mundo. Freire (1979), discorre que o indivíduo que vota pela mudança, não a vê como uma ameaça, mas sim, como uma forma transformação social. E que para acontecer essa transformação social necessita ser homem, trabalhador social, e esta transformação deve ser dotada de coragem e um esforço apaixonado pelo objetivo ao qual se necessita e deseja.

Considera-se que desde a década de 50, as poucas instituições que auxiliavam as crianças sem ser dos donos das fabricas, pertenciam a grupos de apoio ou religiosos.

A partir daí, entende-se que, as situações começaram a mudar de uma forma mais sólida e eficaz, e mais tarde com o surgimento de novas leis, a qual mudaria o rumo da educação até os dias atuais.

Uma destas leis que surgiu é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

(lei nº4024/61), que assegura:

Art. 23- “A educação pré-primária destina-se aos menores de até 7 anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins de infância”

No entanto, conhece-se mais tarde que esta lei foi reformulada em 1996, reconhecendo que:

Art. 29- “A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Lei nº 9.394/96).

Porém, com uma nova reformulação da mesma lei que se refere a citação a cima, inova e afirma que a educação nesta modalidade de ensino deverá acontecer 0 a 5 anos.

Carneiro (2013, p.125), sobre a centralidade que dá o Plano Nacional de Educação PNE diz que, “na Educação Infantil: ultrapassar a discriminação *assistência/educação*, unificando-se a educação da criança de zero a cinco anos em uma instituição educativa única, sob os cuidados de profissionais qualificados”

Ainda segundo a LDB 9394/96, no que consta no Artigo 30, “Educação Infantil será oferecida em: I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade, e na pré-escolas para crianças de quatro a cinco anos de idade”.

Além da atual LDB, a Constituição Federal de 1988 é outra lei que assegura este ensino, de modo que todos independentes de cor, raça ou status social tenham acesso á educação para todos, seja qual for o seu nível de ensino.

## **ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

O direito, acesso e permanência a educação é uma das políticas públicas mais importantes existentes. Entretanto, observa-se que neste contexto existe uma necessidade de não somente dar-lhe acessibilidade e posto, mas assegurar-lhe um ensino e aprendizagem significativo, com a presença e participação de uma equipe pedagógica.

A escola deve transformar-se numa comunidade de vida e, a educação ser concebida como uma contínua reconstrução da experiência. Comunidade de vida democrática e reconstrução das experiências baseadas no diálogo, na comparação e no respeito real pelas diferenças individuais, sobre cuja aceitação pode se assentar um entendimento mútuo, o acordo e os projetos solidários. O que importa não é a uniformidade, mas o discurso. O interessante comum realmente substantivo e relevante somente é descoberto ou é criado na batalha política democrática e permanece ao mesmo tempo tão contestado como compartilhado. (BERNSTEIN, 1987, p.47 *apud* SACRISTIAN; GOMÉS 1998, p. 25).

Nesta perspectiva, a educação atua como forma de transformar o indivíduo apoiando em suas experiências, sempre pautando no diálogo e considerando as diferenças de cada um, buscando adaptações necessárias de modo que favoreça o pleno desenvolvimento das crianças.

Libâneo (2013), conceitua que o trabalho do docente é a parte pelo qual uma parte dos membros da sociedade passam por um processo de transformação e qualificação na vida social para exercerem um papel global de contribuir para a manutenção e transformação dos cidadãos para pleno exercício de cidadania. Sendo a educação um fenômeno universal e essencial ao funcionamento da sociedade em geral.

Assim, observa-se que professor tem função primordial para o desenvolvimento da criança. E sua formação é fundamental para uma prática eficaz, e que consiga atender as necessidades de cada ser, em cada fase do seu desenvolvimento.

Nesse sentido, surge uma indagação segundo Barnes (1976, p.80) *apud* Sacristián e Gómez (1998, p.56) “como pôr o conhecimento do adulto a disposição das crianças de modo que não se torne uma camisa de força. Como as crianças podem aprender a usar para seus próprios fins o conhecimento que os adultos lhes apresentam?”.

Para responder esta pergunta vamos nos associar a teoria piagetiana sobre a inteligência, sendo abordada por Rossetti e Ortega (2012), em seus estudos segundo o referencial teórico de Piaget, que apontam que a criança aprende através do brincar, do jogar, por meio da ludicidade que é lhe proporcionada, embora os mecanismos de acomodação e assimilação na Educação Infantil ainda não estejam totalmente equilibrados na fase da infância, sendo portanto o aprendizado da criança por meio de situações que dão sentido, chama sua atenção e que aproxima da realidade em que vive.

No pensar de Libâneo (2013), a prática educativa é carregada de vários significados sociais, seja nas relações entre docente e discentes, a intenção de ensino, objetivos educacionais, tudo se constroem através das relações dinâmicas existentes entre as classes, as diversas culturas, e também as de cunho religioso.

Assim, entende-se que o professor ao lidar com uma turma de alunos, deve considerar que estes possuem uma bagagem cultural e histórica, e esta contribui diretamente para a sua formação até aquele momento, e irá refletir sua progressão futura.

La Taille (1992, p. 80), discorre que:

A questão da formação da consciência e a questão da constituição da subjetividade a partir de situações de intersubjetividade nos remetem à questão da mediação

simbólica e, conseqüentemente, a importância da linguagem no desenvolvimento psicológico do homem. Uma das ideias centrais, e mais difundidas, de Vygotsky, é que os processos mentais superiores são processos mediados por sistemas simbólicos, sendo a linguagem o sistema básico de todos os grupos humanos. A linguagem fornece os conceitos e as formas de organização do real que constituem a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

Considera-se que as funções da mais simples da língua, é a ponte social e o pensar de modo geral. Onde o pensamento serve como uma ponte simbólica entre a situação real, funcionando como uma peneira, que por meio desta a pessoa consegue entender o mundo e andar sobre ele.

Segundo Bordenave e Pereira (2015) o ato de emitir, transmitir e receber informações, é apenas uma das funções de diálogo entre o docente e discente. E de um bom diálogo possibilita não só a aprendizagem, assim como, a cooperação, respeito, a criatividade e participação do aluno.

Desta forma, verifica-se que o bom diálogo entre professor e aluno favorece uma recepção mais significativa da atividade proposta pelo docente, influenciando na participação ativa da criança no próprio processo de aprendizagem, além de contribuir para a relação agradável entre ambos e o objeto em estudo.

De acordo com Palacios (1988, p.15 *apud* Sacristián e Gómez 1998, p.57), “a educação é para ele uma forma de diálogo, uma extensão do diálogo em que a criança aprende a construir conceitualmente o mundo com a ajuda, o guia e o apoio do adulto”.

Através desta percepção, é possível enxergar a grande função do professor. Que este deve desempenhar o trabalho de mediar, incentivar, e auxiliar a criança por meio do diálogo, ou seja um relação mais amigável, a desenvolver-se nos aspectos necessários para viver e conviver dentro da sociedade.

Antunes (2014), em uma conversa com Rubem Alves, descrita no livro “O Aluno, O professor, A Escola” expressa a sua opinião ao falar que, o professor que trabalha somente com a teoria, ou seja, o conceito, se encontra numa certa distância daquele que cria meios, estratégias, para instigar seu aluno a descobrir e entender este conceito. O autor ainda argumenta que é preciso fazer o aluno querer fazer, ao invés de entregar pronto em suas mãos.

Verifica-se assim, a necessidade do docente trabalhar de forma provocativa e instigante as informações, para que assim, criem expectativa nas crianças e conseqüentemente crie o caminho para um aprendizado significativo e prazeroso.

Libâneo (2013), defende a ideia que, a didática é como um instrumento, uma âncora que auxilia o professor em suas estratégias e técnicas para um melhor ensino e



fundamental para sua formação profissional.

Bordenave e Pereira (2015), em relação a Didática do professor, discorre que o professor deve buscar situações que são de seu domínio, possuir várias maneiras de executar os conteúdos a serem desenvolvidos em sala de aula, além de utilizar dos meios multissensoriais, não para se apoderar deles como forma de descanso ou preguiça. Mas, sim, para melhor poder diversificar suas aulas, e não deixar de estar dentro de uma prática que acompanha os avanços que acontecem na tecnologia e na sociedade.

O ensino é uma atividade prática que se propõe dirigir as trocas educativas para orientar num sentido determinado as influências que se exercem sobre as gerações. Compreender a vida da sala de aula é um requisito necessário para evitar a arbitrariedade na intervenção. Mas nesta atividade, como noutras práticas sociais, como a medicina, a justiça, a política, a economia, etc., não se pode evitar o compromisso com a ação, a dimensão projetiva e normativa deste âmbito do conhecimento e atuação. (SACRISTIÁN; GÓMEZ, 1998, p.81)

Assim, verifica-se que ensinar, não é impor algo. Mas, sim, conduzir. E ao professor cabe esta função. Portanto, torna-se reconhecível que este profissional precisa pesquisar as necessidades existentes em sua classe, e por meio deste diagnóstico tentar sanar as dificuldades existentes.

Entende-se que, o conhecimento transmitido ao aluno pelo professor de forma pura, ou seja, sem ter compromisso com o que os alunos já sabem, cria neles um sentimento de estar recebendo algo por obrigação. E passar um conhecimento para o aluno, é objetivo o resultado que se espera alcançar. Além disso, verifica-se que a informação que já vem com o criança, o professor deve criar meios para transformá-la em conhecimento.

De acordo com Libâneo (2013), antes de iniciar a aula, é importante o professor recordar com a ajuda dos alunos a conteúdo anterior. E para gerar participação e concentração de ambos, utilizar a estratégia de fazer perguntas referente ao que foi aprendido. Através disto, trabalha o conhecimento prévio, firmando e até sanando alguma dúvida que não estava bem esclarecida, a fim de conduzir a uma prática significativa de ensino.

Segundo Pedro-Silva (2014) *apud* La Taille (1996), a família até pouco tempo era organizada em prol do querer dos adultos, e na atualidade se encontra construída no pensar da função da criança. Antes os pais saíam de casa para ir onde eles bem desejassem e não importavam se tinham filhos ou não. Agora se conhece que muitos pais tem perdido esta liberdade, principalmente pela falta de limite para com os próprios filhos.

Ainda segundo o autor, os pais e os professores tem medo de impor limites aos

alunos/filhos com receio de impor um sistema autoritário e que pudesse comprometer a autoestima da criança. Devido a este fato, a criança é adulada o tempo todo, não é imposto limite e acaba por se transformar em indivíduos que não praticam valores sociais esperados, não respeitam os professores e muito menos os pais, além de muitas das vezes deixar de cumprir com deveres escolares.

Através desta percepção, entende-se que a falta de correção por parte dos pais em casa influencia diretamente na escola. No qual, por medo de atingir o emocional e autoestima da criança, os pais deixam a desejar ao não impor o respeito, a obediência, e mostrar a criança que ela tem deveres a cumprir, e que precisa cumpri-los. E isto reflete na sua conduta na escola, no momento em que se nega a realizar ou obedecer o que é posto em questão pelo docente.

Bordenave e Perreira (2015, p.64), com base em diversos autores enumera alguns pontos chaves para abordar o essencial para um bom diálogo entre professor e aluno, aluno e conteúdo que são:

- a. Quando ensinamos, desejamos que o aluno aprenda e cresça como pessoa humana.
- b. Para ensinar, definimos certos objetivos e escolhemos certos conteúdos e certas atividades (métodos), que são aplicados na situação docente.
- c. Mas os alunos não são todos iguais; são, antes de tudo, pessoas diversas e singulares.
- d. Por conseguinte, reagirão de forma diferente a: - nós como professores - nossos objetos - nossos conteúdos (matéria) - nossas formas de relacionamento e métodos de ensino e de avaliação.
- e. As reações diferentes os levarão a aprender de forma diferente (ou a não aprender).
- f. Em suma: que características pessoais dos alunos deve merecer a atenção do professor em virtude de afetarem significativamente o efeito do ensino-aprendizagem?

Assim, compreende-se que, para acontecer uma aprendizagem significativa na Educação Infantil faz necessário o envolvimento e compromisso do docente para que assim instigue e desperte o interesse da criança em aprender. Visto que, trazer seu aluno para perto de si, e explorar a atividade junto com ele de uma forma amigável, compassiva, mediadora, sempre buscando inovações, apoiar-se em novas pesquisas, metodologias e estratégias, sem dúvidas, considera-se o melhor meio de se alcançar êxito na prática educacional da Educação Infantil e uma aprendizagem plausível.

E ainda de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nº 9.394/96) no Art. 31, mesmo que se trate de indivíduos iniciando a sua formação tanto social, quanto acadêmica, entende-se que os objetivos a serem desenvolvidos com estes alunos devem ser avaliados, porém de uma maneira em que se respeita a faixa etária, e maturidade racional deste grupo de crianças. E esta avaliação se dá ao acompanhamento e registros do seu

desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental.

## **RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Ao pensar em uma educação de qualidade, logo entende-se que se fala de uma escola bem estruturada fisicamente, que tenha recursos que atenda todos os tipos de necessidades, sejam elas físicas, intelectuais ou cognitivas dos alunos, e que principalmente, tenha professores aptos a assumirem a responsabilidade de instruir, conduzir, e mediar o processo de aprendizagem dos alunos. No entanto, torna-se interessante levar em questão relação que deve acontecer entre o professor e aluno.

Cukier (1998, p. 17), discorre que as emoções vividas na infância têm grande reflexo na vida adulta, e que ainda tem forte influência na formação da personalidade do ser humano. Pois guardamos emocionalmente outros eus dos tempos de criança, que sejam as situações vergonhosas ou indutoras ou mesmo que não confirmasse os desejos que se tinha, que perpetua por toda a vida do indivíduo em todo seu processo de amadurecimento.

Nesse sentido, observa-se que o que nos tornamos enquanto adultos, nossas ações, as relações sociais que desempenhamos no dia-a-dia, e ainda, ao pensar no docente em exercício, a forma como conduz a relação com seu aluno, tem a haver com seus medos, ansiedade, desejos restringidos, causando magoas e rancores. Que mais tarde, pode-se perceber na impossibilidade de uma aproximação com seu aluno, impedindo em muitos casos a construção significativa do conhecimento pelo aluno com apoio do professor.

De acordo com Fonseca (1980, p. 86) “O ‘clima’, o ‘fluido’ entre o eu (criança) e o tu (mãe) será da maior importância na formação do eu e dará padrões e formas de relacionamentos futuros”.

Ou seja, nesta perspectiva cria-se o início da formação da personalidade, e influenciará as vivências futuras, inclusive na escola, onde as crianças tem uma maior interação com diversas culturas, costumes, crenças e valores. E principalmente com o docente a quem se transfere a função de educador, mediador e condutor na construção eficaz do aluno como um ser humano integralmente desenvolvido.

Voltolini (2011), considera que antes a figura observável do professor era a de um ser autoritário, que dominava a sala oprimindo e reprimindo seus alunos de modo a impedi-los de expressar-se, onde seu potencial estava fixado na sua superioridade e soberania sobre a classe. Ainda de acordo com o autor, hoje tem mudado esta perspectiva, onde o docente é o modelo, e que ele não influencia somente “castrando” seu aluno, impedindo-o de ser atuante,

mas ele influência principalmente, como um incentivador de um comportamento plausível e esperado pela sociedade.

Para Nery (2014, p. 27), a:

Transferência é um fenômeno que tem origem no mundo interno. Ela está relacionada: às experiências apreendidas em nossa história, na cultura e nos vínculos; aos conteúdos dos vínculos residuais ou internos que transpomos para os vínculos atuais; à subjetividade e aos papéis latentes e imaginários que interpenetram a complementação de nossos papéis sociais. A transferência implica transposição de conteúdos do mundo interno para o externo, por meio da modalidade vincular afetiva, constituindo-se de fatores eminentemente intrapsíquicos e de outros relacionados ao campo interpessoal.

Verifica-se por meio da fala da autora que, a criança tem como base e sentimentos afetivos, seus familiares, que desde que nascem a cercam. E que suas emoções e medos, amor, desencantamentos que antes somente internalizados, quando chega a idade escolar, estes sentimentos serão traduzidos para figura que mais assemelha a imagem materna ou paterna para a criança que é o professor. Logo mais, percebe-se que depois do docente ser o objeto de encantamento e estímulo, a criança transfere todo este sentimento de desejo para conteúdo disciplinar. Tornando assim uma forma prazerosa de aprender e desenvolver-se.

Coué (2002), descreve que se deve despertar nas crianças a vontade de conhecer os meios naturais, a natureza, de forma simples e clara, e transmitir calma ao ensiná-la e sanar todas dúvidas em tons de alegria e ainda bem humorado.

Compreende-se que, a criança desde o seu nascimento até alcançar sua idade adulta passa por várias fases, entre elas a chegada a escola. Neste processo verifica-se a necessidade de desenvolver juntamente com o cognitivo e intelectual, os fatores emocionais, os valores éticos e morais e a socialização deste indivíduo na própria instituição e precisamente na interação extraescolar.

De acordo com Tognetta (2009, p. 29), a escola infelizmente utiliza uma forma de educar baseada no medo na obediência, ou no dever. Assim, sem se importar com qual é o querer das crianças, de que maneira se deve buscar para atingir o sentimentos deles para que sejam bons, e que participem ativamente e conscientemente na sociedade. Fazendo primeiramente com que este alunos queiram e desejem participar, pautando em uma prática afetiva e reflexiva.

Nesta perspectiva, observa-se que muitas das vezes o professor considera seu sucesso como educador sendo durão, diminuindo seu aluno, considerando-o como fracassado, inútil, desobediente e que está no lugar errado. Sem na verdade buscar a realidade dos fatos, o porque seu aluno se porta de tal forma? qual a sua dor? o que te angústia? o que se pode fazer

para mudar esta inquietação dos alunos? Será os conteúdos? Ou a forma como são transmitidos?. Assim, busca-se um olhar reflexivo e crítico por parte docente para melhorar esta situação.

Berger (1986, p. 132) conceitua que:

A sociedade predefine para nós esse mecanismo simbólico fundamental com o qual apreendemos o mundo, ordenamos nossa experiência e interpretamos nossa própria existência... como também fornece nossos valores, nossa lógica, e o acervo de informações (ou desinformação) que constitui nosso conhecimento.

Nesta perspectiva, é notório observarmos que, a falta de afetividade ou a relação que acontece de forma ignorante pode provocar a violência. Entende-se, que Isto pode ocorrer tanto de maneira verbal, quanto não-verbal, ou seja, no momento de alguma chamada de atenção feita pelo professor em uma situação precisa, onde ele faz o papel do que se torna agressivo com as palavras que saem de sua boca, ou mesmo pelo aluno em resposta a atitude do professor em corrigi-lo, ou pelo modo que o trata.

Considera-se que a não verbal, trata-se da situação em que o professor pode agir de forma brusca, depois, talvez, de várias vezes ter chamado a atenção do aluno e acabar por “perder a paciência” a ponto de agir de maneira inesperada. Enquanto por outro lado, pode acontecer com o aluno que tenha aprendido valores que são inferiores ao esperado pela maior parte da sociedade, o qual não aceita ser corrigido, e acaba por se tornar grosseiro e atacar o seu professor.

Para Libâneo (2013), o professor não tem simplesmente função de ser professor às 24:00 horas do dia. Ele é pai, mãe, irmão, filho, que tem um seguimento religioso e político e isto influenciam as suas práticas educativas. Ainda de acordo com o autor, a mesma coisa se reflete sobre a figura do aluno, que não existe somente como aluno. Tem suas origens, sua cultura, seus hábitos, apto a certos valores e práticas de sobrevivência.

Assim, permite-se observar que, seja aluno ou professor, ambos são seres humanos. Cada um tem uma vida extraescolar, buscam e anseiam por algo. E em muitos casos, dependem desta relação que devem construir entre si para chegar onde se espera.

Freire (1979, p. 33), em relação às mudança da sociedade, diz que:

Enquanto estas concepções se envolvem ou são envolvidas pelos homens, que procura a plenitude, a sociedade está em constante mudança. Se os fatores rompem o equilíbrio, os valores, os valores começam a cair; esgotam-se, não correspondem aos novos anseios da sociedade. Mas como esta não morre, os novos valores começam a buscar a plenitude. A este período, chamamos transição. Toda transição é mudança, mas não vice-versa (atualmente estamos numa época de transição).

Desta forma, torna-se possível visualizar que as escolas, principalmente o professor deve acompanhar os movimentos que acontecem na sociedade. Considerar que os valores tradicionais passaram por mudanças. E que necessita um novo olhar sobre seus alunos, a nova geração que chega a escola. E que a prática pedagógica, precisa atender as necessidades, conduzindo este processo e criando condições juntamente com a família para que se consiga conduzir, encaminhar os alunos, filhos, através de uma relação afetiva, e construtiva para obtenção de resultados desejáveis.

### **ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL POR MEIO DA PRÁTICA AFETIVA**

Nos tempos atuais, principalmente, torna-se impossível pensar em uma prática educativa que favoreça e que garanta boa parte da aprendizagem sem afetividade, ainda mais quando se fala em Educação Infantil. Sobre isto, Libâneo (2013, p.107), conceitua que:

O professor de ensino, ao mesmo tempo que realiza as tarefas da instrução de crianças e jovens, é um processo de educação. No desempenho da sua profissão, o professor deve ter em mente a formação de personalidade dos alunos, não somente no aspecto intelectual, como também nos aspectos moral, afetivo e físico. Como resultado do trabalho escolar, os alunos vão formando o senso de observação, a capacidade de exame objetivo e crítico de fatos e fenômenos da natureza e das relações sociais, habilidades de expressão verbal e escrita etc.; vão desenvolvendo o senso de responsabilidade, a firmeza de caráter, a dedicação aos estudos, o sentimento de solidariedade e do bem coletivo, a força de vontade etc. A unidade instrução-educação se reflete, assim, na formação de atitudes e convicções frente á realidade, no transcorrer do processo de ensino.

Seguindo o pensamento do autor, permite nos entender que, ao professor, não compete a ideia de somente trabalhar os conceitos conteudinais, mas, também, os valores. E ao trabalhar estas habilidades, percebe-se que o docente vai contribuir para despertar no aluno o desejo de aprender, despertar nele, um indivíduo crítico, ainda mais que a fase em que a criança chega na escola, é o momento em que ela está em transformação, ou seja, momento da formação da sua identidade, o eu. E isto, com certeza induz na maneira como ele deve se portar na figura daquele a quem se transfere a tarefa de ensinar, posicionando de forma humana e responsável.

Bordenave e Pereira (1977), descreve que a método a ser adotado pelo professor reflete aquilo que se tem em mente para alcançar. Um pensar que se pauta nos valores e crenças que possibilita uma antecipação da visão sobre o homem e o conceito que se tem sobre cada um, e se necessita de uma transformação ou não dos indivíduos que participam

desta sociedade.

Nesse sentido, compreende-se que o método a ser utilizado pelo professor tem como meta, o que se quer atingir. Onde é possível captar o trajeto que será traçado, o desenvolvimento e a produção. E esta elaboração, sendo pautada na necessidade dos alunos, refletindo na sua conduta futura.

Voltolini (2011), ao abordar as teorias Freudianas sobre a psicanálise na educação, coloca algumas das considerações mais importantes, sendo elas a impossibilidade do educar, governar e curar. E ainda segundo a autora, Freud afirmava que esta impossibilidade de educar acontece por causa das angustias e neuroses que cercam este ensinar e aprender.

Considera-se que até pouco tempo atrás o aluno aprendia simplesmente o que o professor transmitia, o saber que ele julgava certo e o discente atuava como um mero receptor, e o que se percebe atualmente é que tem mudado este modo de ensino. Fez- necessário a inversão deste papel de somente transmitir, para o de parceiro, que entende o que seus alunos passam, e buscam por meio da prática educativa, dar um auxílio, suporte para o fortalecimento do vínculo afetivo entre aluno e professor, na busca por um ensino e aprendizagem significativo.

Cosenza e Guerra (2011, p. 38) apontam que:

A aprendizagem é consequência de uma facilitação da passagem da informação ao longo das sinapses. Mecanismos bioquímicos entram em ação, fazendo com que os neurotransmissores sejam liberados em maior quantidade ou tenham uma ação mais eficiente na membrana pós-sináptica. Mesmo sem a formação de uma nova ligação, as já existentes passam a ser mais eficientes, ocorrendo o que podemos chamar de aprendizagem. Para que ela seja mais eficiente e duradoura, novas ligações sinápticas serão construídas, sendo necessário, então, a formação de proteínas e de outras substâncias. Portanto, trata-se de um processo que só será completado depois de algum tempo.

Verifica-se então por meio do que foi citado acima que a aprendizagem acontece de forma natural, particular, e de acordo com estímulos ambientais, afetivos, culturais que o indivíduo recebeu e continuará recebendo no decorrer de sua vida. Portanto, conhece-se que ao docente, cabe a função de facilitador desta aprendizagem, levando sempre em consideração que cada um tem um tempo para aprender, sendo estimulador, e propiciar situações que refletem a vida real do aluno, e lembrar que cada ser carrega uma bagagem histórica, e necessita de um olhar mais flexivo e humano.

Voltolini (2011, p. 39), abordando as teorias de Freud sobre a psicanálise na educação discorre que:

Se me inclino para Cila dos talentos pessoais, afasto-me do Caribe das necessidades sociais, e vice-versa. Não há expectativa aqui de solução conciliatória, embora, com frequência o discurso pedagógico se empenhe na busca de uma *justa medida*. Mas se esse discurso rateia na solução de tais impasses é devido á sua insolubilidade, e não a uma deficiência qualquer em sua orientação.

Nesta perspectiva, compreende-se que o ensino deve ser pautados tantos nas necessidades particulares, como coletivas e pedagógicas. Onde, o docente deve atuar de modo em que não seja nem tanto liberal, e nem tanto repressor, sendo assim na medida certa. Pois considera-se que se for liberal de mais pode causar a indisciplina, desobediência, e mal estar tanto para o professor, quanto para o aluno. E se for repressor demais pode causar desencantamento pelo aprender, a criança pode se sentir desestimulada e muitas das vezes perder o interesse de vir para escola, ocasionando em muitos casos o fracasso escolar.

Freud (1976[1925:131] *apud* Mrech *et al.*,(2011, p.55) considera que em muitos casos os recalques dos docentes são decorrentes de suas angústias quando criança. Tornando-se mais tarde pessoas que não conseguem lidar com problemas, conflitos que surgem com seus alunos por estas situações o fazer lembrar dos momentos que foram mal resolvidos, ou que era repreendido, os seus medos, desilusões, e acabam descontando de forma inconsciente sobre seu aluno.

Freire (1997, p. 86), discorre sobre a intervenção na realidade do aluno ao dizer que:

Não me parece possível, nem aceitável a posição ingênua, ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos, constando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção que implica decisão, escolha, intervenção na realidade

Assim, pode-se afirmar que o docente não está na sala somente para transmitir o conteúdo. Que vai muito além da classe, parte para a realidade deste aluno, que as vezes chega com fome na escola por falta de alimento dentro de casa, que tem problemas com os pais, que vivem situações de abandono, necessita-se um cuidado e olhar especial do professor. Buscando melhorias nas suas aulas, para atender estas crianças, dinamizar suas aulas de modo a trazer esperança sempre partindo da realidade dos discentes sem os expor, mas ao mesmo tempo de maneira a encorajá-los a vencer e lidar com as dificuldades e serem bem sucedidos na vida de forma integral.

Freud (1905), ao desenvolver sua teoria sobre o Complexo de Édipo, afirmava que a função paterna era de impedir os impulsos ignorantes e sexuais de seus filhos que era



indesejáveis para sua manifestação na sociedade, e para os próprios anseios. Portanto, o que se tem apontado atualmente, a estrutura psicológica não é mais demarcada somente desta forma, mas sim com o entendimento que existe algo além desta teoria, que possibilita múltiplas escolhas por parte de cada indivíduo. O que anteriormente o ser humano não conseguia realizar como desejava sendo a única chance que tinham causando-lhe angústias, agora observa-se que esta frustração se dá pelo fato das muitas oportunidades que são oferecidas frente a um horizonte hipotético.

De acordo com Oliveira (2011, p.183):

Construir uma proposta pedagógica implica a opção por uma organização curricular que seja um elemento mediador fundamental da relação entre a realidade cotidiana da criança – as concepções, os valores e os desejos, as necessidades e os conflitos vividos em seu meio próximo – e a realidade social mais ampla, com outros conceitos, valores e visões de mundo. Envolve elaborar um discurso que potencialize mudanças, que oriente rotas. Em outras palavras, envolve concretizar um currículo para as crianças.

Isto posto, torna-se concebível observar que o desenvolvimento da criança é demarcado por várias situações conflituosas. E estes conflitos derivam de origens exógenas, quando se dá as questões que acontecem na ação do indivíduo com o meio exterior construído pelos mais velhos, e os aspectos culturais. E aos de origem endógenas, que são do próprio desenvolvimento da criança, ao buscar equilibrar-se e passar para o próximo estágio, e isto deve ser levado em consideração ao planejar um proposta pedagógica. Assim, é possível entender que independente de qual seja o currículo, este deve ser elaborado de modo que atenda às necessidades da criança, e possibilite interferir na sua realidade e conduta social.

Compreende-se, que através da motivação e estímulos, as crianças sentem a necessidade de estudar, de cumprir com a atividade definida pelo professor. E este deve encontrar meios para instigar a criança a querer aprender, a buscar, a pesquisar, ser um crítico. Tudo claro, respeitando a faixa etária de cada aluno. Desta forma, entende-se que muitas vezes o que é considerado como aprendizado ou não para as pessoas, é o resultado final. Não julgam o que a criança conseguiu desenvolver no caminho, como se deu estes passos.

Como descreve Libâneo (2013, p. 120):

O incentivo á aprendizagem é o conjunto de estímulos que despertam nos alunos a sua motivação para aprender, de forma que as suas necessidades, interesses, desejos, sejam canalizados para as tarefas de estudo. Todas as nossas ações são orientadas para atingir objetivos que satisfaçam as nossas necessidades fisiológicas, emocionais, sociais e de autorrealização. A motivação é, assim, o conjunto das forças internas que impulsionam o nosso comportamento para objetivos e cuja direção é dada pela nossa inteligência. Entretanto, as forças externas o ambiente social: a família, as relações sociais nas quais estamos envolvidos, os valores culturais dos diversos grupos sociais, os meios de comunicação e, evidentemente, a escola e os professores.

La Taille et al., (1992) escreve pautado na teoria de Wallon sobre a afetividade na construção do sujeito ao abordar que as emoções são formadas organicamente, sendo complexa, biológica e social em sua forma natural. Onde existe uma passagem entre o ser orgânico e o cognitivo e a razão, que só pode ser possível por meio da cultura, a sociedade em que ele está inserido.

Ou seja, o que se considera neste processo é que aprendemos através das emoções, que vem de ordem biológica, mas que influência no psíquico do indivíduo refletindo diretamente no seu raciocínio, e cognitivo. Em que o fator social obtém grande influência, principalmente o professor que vai estar lidando diretamente com esta situação

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento do presente trabalho, possibilitou uma reflexão e análise sobre a afetividade no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, sendo de grande relevância para uma prática eficaz. Além disso permitiu um mergulho nas obras de renomados autores como; Oliveira, Freire, Freud, Rubem Alves, Vygotsky, etc., que muito contribuíram com suas teorias na evolução dos processos educativos.

Ao fazer um legado de observações e estudos em fontes bibliográficas e descritivas realizadas, pode-se afirmar que a problemática proposta pelo trabalho e os objetivos foram significadamente confirmados e alcançados.

Foi possível verificar que a Educação Infantil passou por vários desafios para a implantação do ensino para crianças em escolas, e este não era e não é o único desafio. Sabe-se que uma vez que a criança está inserida dentro de uma sala de aula, deve se dar importância ao que vai ser ensinado, como, e quem irá ensinar.

Sendo por tanto de obrigatoriedade da escola, juntamente com sua equipe pedagógica, elaborar planos de ensino que consiga atingir as necessidades de seus alunos, considerando que dentro de uma sala há diversidades de saberes culturais e sociais.

Para tanto, vê-se a importância do papel docente na construção social e pessoal das crianças. Que muitas vezes utiliza seu professor como espelho para a sua formação e condutas como um ser civilizado. Assim, devendo buscar um olhar mais reflexivo, afetivo, e mais preparado para tentar fazer bem a sua função como educador.

A prática afetiva contribui para uma relação mais próxima entre professor e aluno, e agente primordial para um aprendizado significativo, além de favorecer o desenvolvimento da criança, sendo como um convite para que se interesse pela escola e ao que nela é ensinado.

E o que sabe-se é que a criança aprende através de estímulos, de ambientes que tenham proximidade com sua realidade. Devido a isso, faz-se necessário a criação de ambientes ricos em estímulos para o pleno desenvolvimentos destes indivíduos por parte da escola juntamente com o docente.

Todavia pensar em Educação Infantil, parte-se da ideia de que deve ser avaliado todo processo da criança. Ou seja, a interação, a postura, cada movimento, ação, é considerável, é relevante. E cabe ao professor, a função de mediar esta construção e dar importância a criança como um todo e tudo que ela constrói.

No entanto deve-se considerar que, a criança, o aluno, passa por várias fases, momentos de transição de valores decorrente dos processos sociais que acontecem dentro da sociedade, o que requer uma prática mais flexível, apoiando-se numa proposta pedagógica que busca englobar todas as situações existentes dentro da escola, afim de atingir e assegurar um ensino de qualidade e significativo.

Assim, recomenda-se, a continuidade nos estudos e referenciais teóricos que visam apresentar de forma mais completa o assunto que fora abordado neste trabalho, contribuindo para efetivação do conhecimento adquirido, e explanar mais ainda o que não foi aprofundado sobre a afetividade no processo de ensino-aprendizagem através da relação professor-aluno na Educação Infantil.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso; ALVES, Rubens. **O aluno, o professor, a escola: Uma conversa sobre educação.** 2°. ed. Campinas: Papirus 7 Mares, 2014.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

BERGER, P. L. **Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística.** Petrópolis: Vozes, 1986.

BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem.** 33°. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: Leitura Crítico-Compreensiva Artigo a Artigo.** 21°. ed. Petrópolis: vozes, 2013.

CONSENZA, R. M; GUERRA, L. B. **Neurociência e Educação.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUÉ, Émile. **O Domínio sobre si mesmo pela auto-sugestão consciente**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

CUKIER, R. **Psicograma bipessoal**. São Paulo: Ágora, 1993.

FONSECA FILHO, J.S. **Psicograma da loucura: correlações entre Buber e Moreno**. São Paulo: Ágora, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 30°. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol. 1. 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREUD, Sigmund. [1905]. **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1989. pp. 118-230.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2°. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MRECH, L. M; RAHME, M. M. F; PEREIRA, M. R. **Psicanálise, educação e diversidade**. Belo Horizonte: Fino Traço/FAPEMIG, 2011.

NERY, Maria da P. **Vínculo e afetividade: Caminho das relações humanas**. 3. ed. ver. – São Paulo: Ágora, 2014.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil fundamentos e métodos**. 7°. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OSTETTO, Luciana E. **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. 5°. ed. Campinas: Papirus Editora, 2012.

PEDRO-SILVA, Nelson. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. 7°. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**: 4°. ed. Artmed, 1998.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. **A formação da personalidade ética: Estratégias de trabalho com afetividade na escola**. Campinas: Mercado de letras, 2009.

VOLTOLINI, Rinaldo. **Educação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.